

RECONSIDERANDO O *CERTAMEN HOMERI ET HESIODI*

RECONSIDERING THE *CERTAMEN HOMERI ET HESIODI*

Rafael Guimarães Tavares da Silva
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
gtsilva.rafa@gmail.com

Resumo: O texto conhecido como *Certamen Homeri et Hesiodi* apresenta redação tardia (século II EC), embora, desde os trabalhos de Nietzsche e a publicação de papiros com fragmentos seus, possa ser remontado –pelo menos parcialmente– aos trabalhos do sofista Alcimante (século IV AEC). A leitura dessa obra à luz de discussões do período clássico tem demonstrado a existência de uma tradição biográfica envolvendo uma disputa poética entre Hesíodo e Homero que parece conter elementos arcaicos significativos para a interpretação e até a história da consolidação do *corpus* de poemas atribuídos a essas figuras. Recorrendo às reflexões de Barbara Graziosi (2002), Hugo Koning (2010), Paola Bassino (2019) e outros que têm se debruçado sobre a tradição do certame entre Homero e Hesíodo, pretendo avançar uma interpretação desse texto e sugerir os aportes que essa leitura pode oferecer a uma reflexão sobre a história dos poemas homéricos e hesiódicos na Antiguidade.

Palavras-chave: *Certamen Homeri et Hesiodi*, Hesíodo, Homero, tradição biográfica.

Abstract: The text known as *Certamen Homeri et Hesiodi* presents a late redaction (2nd century CE), although, since the philological works of Nietzsche and the publication of papyri with new fragments, it can be traced back –at least partially– to the works of the sophist Alcimante (4th century BCE). The reading of the *Certamen* in the light of discussions of the classical period has demonstrated the existence of a biographical tradition involving a poetic dispute between Hesiod and Homer that seems to contain significant archaic elements for the interpretation and even the history of the consolidation of the corpus of poems attributed to these figures. Using the suggestions of Barbara Graziosi (2002), Hugo Koning (2010), Paola Bassino (2019) and others who have focused on the tradition of the contest between Homer and Hesiod, I intend to advance an interpretation of this text and highlight the contributions that this reading can offer to the history of Homeric and Hesiodic poetry in Antiquity.

Keywords: *Certamen Homeri et Hesiodi*, Hesiod, Homer, biographical tradition.

Cómo citar este artículo/Citation: Silva, Rafael Guimarães Tavares da 2022: «Reconsiderando o *Certamen Homeri et Hesiodi* », *Grecorromana* IV, pp. 6-28.

Recibido: 13/5/2022

Aceptado: 9/9/2022

A tradição de uma disputa poética entre Hesíodo e Homero parece ser lastreada por um trecho de *Trabalhos e dias* (650-9), no qual se encontra uma alusão a uma vitória de Hesíodo numa competição de versos, durante a qual dá mostras de sua capacidade para analisar uma boa oportunidade e agir com sucesso. Efetivamente, essa canção com frequência aborda a importância de se reconhecer o momento propício para cada ação, o que de fato constitui um elemento crucial para quem queira ser bem-sucedido em atividades como a agricultura e a navegação (ambas explicitamente tematizadas nesses versos). A passagem que mais interessa ao presente argumento é introduzida com uma declaração abertamente polêmica:

Mas se, virando tua mente insensata ao comércio,
quiseres fugir das dívidas e da fome inclemente,
mostrarei as medidas do mar ressonante,
ainda que não seja sabido de navegação nem de naus,
pois jamais naveguei em mar aberto,
a não ser para a Eubeia, de Áulis, onde certa vez os aqueus,
aguardando a tormenta, concentraram grande tropa
da Hélade sagrada contra Troia de belas mulheres.
(*Trabalhos e dias* 646-53 Most)¹.

Hesíodo, enquanto *persona* dessa canção, declara sem rodeios sua ignorância sobre a arte da navegação e tenta dissuadir aquele a quem se dirige –Perses, seu irmão– de embarcar nesse tipo de aventura. Ao mesmo tempo, contudo, afirma ser capaz de ensinar as regras básicas do mar para quem queira fazer essa opção e parece estar subentendida aí a sugestão de que tal conhecimento, como tudo o mais que é proclamado em *Trabalhos e dias*, repousa na autoridade divina das Musas². Ainda assim, quase como se parecesse ter pensado melhor sobre o assunto, afirma na sequência possuir uma única experiência com a navegação: não se trata de algo impressionante à primeira vista, porque a travessia entre a Beócia e a Eubeia é curtíssima, mas sua formulação não deixa de ser surpreendente. Hesíodo afirma ter partido da região de Áulis, evocando o ponto preciso onde os exércitos aqueus tiveram que suportar uma longa espera antes de conseguir

¹ Todas as traduções são de minha autoria. No original: εὐτ' ἂν ἐπ' ἐμπορίην τρέψας ἀεσίφρονα θυμὸν/ βούληται χρέα τε προφυγεῖν καὶ λιμὸν ἀτερπέα,/ δείξω δὴ τοὶ μέτρα πολυφλοίσβοιο θαλάσσης,/ οὔτε τι ναυτικῆς σεσοφισμένος οὔτε τι νηῶν./ οὐ γάρ πώ ποτε νηὶ γ' ἐπέπλων εὐρέα πόντον,/ εἰ μὴ ἐς Εὐβοίαν ἐξ Αὐλίδος, ἧ ποτ' Ἀχαιοὶ/ μείναντες χειμῶνα πολὺν σὺν λαὸν ἄγειραν/ Ἑλλάδος ἐξ ἱερῆς Τροίην ἐς καλλιγύναικα.

² Na verdade, a conclusão da passagem explicita isso, ao reivindicar o canto inefável ensinado pelas Musas como o lastro que lhe permite proclamar os desígnios de Zeus, em franco detrimento do que é sua própria experiência (*Trabalhos e dias* 660-2). No original: τόσσον τοὶ νηῶν γε πεπείρημαι πολυγόμων/ ἀλλὰ καὶ ὡς ἐρέω Ζηνὸς νόον αἰγιόχοιο· Μοῦσαι γάρ μ' ἐδίδαξαν ἀθέσφατον ὕμνον αἰεΐειν.

embarcar para a guerra contra Troia. Parece haver aqui uma alusão polêmica à tradição sobre o sacrifício de Ifigênia, cometido por Agamêmnon para apaziguar a tormenta [*kheimôna*] e conseguir os ventos propícios à navegação e ao embarque da enorme tropa reunida [*polÿ sÿn laòn ágeiran*] (*Trabalhos e dias* 652), ainda que tal tradição não esteja diretamente trabalhada na *Ilíada* (9.144-5)³. Seja como for, uma alusão assim reforçaria o tom crítico subentendido na forma invertida como os epítetos da epopeia tradicional são empregados: no *corpus* homérico, o epíteto *kalligýnaika* [de belas mulheres] aparece exclusivamente relacionado a regiões helênicas, como a Hélade, a Acaia ou Esparta (*Il.* 2.683; *Il.* 3.75; *Od.* 13.412); por outro lado, o epíteto de *hierês* [sagrada] caracteriza tipicamente Troia (*Od.* 1.2)⁴. Como sugere Graziosi (2002, p. 170), a inversão não é nada gratuita, pois Hesíodo chama atenção para o fato de que o motivo dessa reunião de exércitos em Áulis é a prova mais clara de que a nada sagrada Troia é quem na verdade possui a mais bela das mulheres. Parece difícil negar a existência de um tom abertamente polêmico contra a tradição épica do Ciclo Troiano nesses versos. Contudo, isso torna-se ainda mais significativo à luz da sequência imediata da passagem:

De lá, eu em direção aos jogos do belicoso Anfidamante,
para a Cálquida embarquei: muito numerosos
prêmios ofereceram os filhos do magnânime; e eu me gabo
de ter vencido com um hino e ter trazido uma trípode alada,
que às Musas heliconíades dediquei,
lá onde, primeiro, me direcionaram ao suave canto.
(*Trabalhos e dias* 654-9 Most)⁵.

O motivo da viagem de Hesíodo para a cidade de Cálquida na Eubeia é participar dos jogos fúnebres em honra a Anfidamante, promovidos por seus filhos com o anúncio de muitos prêmios. O arranjo geral desses jogos não deixa de ecoar certos temas de um poema como *Trabalhos e dias*, que apresenta como uma de suas motivações a disputa hereditária entre a *persona* poética de Hesíodo e seu irmão, Perses. As competições em

³ Em todo caso, as tensões do que representa Áulis para essa tradição podem estar contidas na referência que Odisseu faz ao portentoso acontecido lá e interpretado por Calcante (*Il.* 2.299-330) (Hunter 2018, pp. 136-48). O sacrifício de Ifigênia faz parte do repertório épico e aparece como episódio importante dos *Cantos Cíprios* (Proclo, *Crestomatia* 10). Outras fontes sobre o acontecimento incluem: Eurípides, *Ifigênia em Áulis*, 87, 358, 1541; *Ifigênia em Táuris*; Ovídio, *Metamorfoses* 12.24-38; Higino, *Fábulas* 98; Dícitis, 1.19-22; Tzetzes, *Licofr.* 183; Σ *Il.* 1.108; Σ Laurent. Sófocles, *Electra* 157.

⁴ Sobre a figuração da «cidade sagrada» na tradição homérica: Scully 1990.

⁵ No original: ἔνθα δ' ἐγὼν ἐπ' ἄεθλα δαΐφρονος Ἀμφιδάμαντος/ Χαλκίδα τ' εἰς ἐπέρησα· τὰ δὲ προπεφραδμένα πολλὰ/ ἄεθλ' ἔθεσαν παῖδες μεγαλήτορος· ἔνθα μέ φημι/ ὕμνω νικήσαντα φέρειν τρίποδ' ὠτόεντα./ τὸν μὲν ἐγὼ Μούσης Ἑλικωνιάδεσσ' ἀνέθηκα./ ἔνθα με τὸ πρῶτον λιγυρῆς ἐπέβησαν ἀοιδῆς.

honra a Anfidamante ocorrem em público –segundo a estrutura do *es méson*⁶– e certamente incluem modalidades esportivas, como acontece nos jogos fúnebres que Aquiles realiza em honra a Pátroclo na *Ilíada* (23.257-897), mas também competições de canto e música, em meio às quais Hesíodo afirma consagrar-se vencedor e obter como prêmio uma trípole que ele dedica às Musas no monte Hélicon, em agradecimento e retribuição pela epifania com que elas pela primeira vez lhe inspiram o canto. Esse trecho, contudo, não especifica contra quem ele compete.

Nós estamos livres para tentar adivinhar; mas, dada a alusão polêmica dos versos anteriores à guerra de Troia, uma hipótese óbvia é que ele está reivindicando superioridade poética com relação a Homero. A tradição conclui precisamente isso: como costuma acontecer, uma leitura atenta é expressa em termos biográficos, ou melhor, uma anedota biográfica pode ser interpretada como uma leitura atenta. (Graziosi 2002, p. 171).

A estudiosa faz alusão aqui à tradição biográfica de um certame entre Homero e Hesíodo. A ideia de competições musicais é um fato atestado na Antiguidade, ocorrendo em outros trechos do *corpus* hexamétrico arcaico –como na referência ao cantor itinerante Tâmiris, na *Ilíada* (2.594-600), ou na disputa de enigmas entre Calcante e Mopso, narrada na *Melampodía* atribuída a Hesíodo (fr. 378 MW)–, segundo o espírito agônico típico da cultura helênica antiga. A existência de certas tensões provocadas pelas diferenças entre os repertórios atribuídos a Homero e Hesíodo parece ter sido comum no discurso e na prática dos próprios rapsodos, tal como fica sugerido no *Íon* (531a-e), e talvez em alusões cômicas do período clássico⁷. Além disso, em outro fragmento atribuído na Antiguidade a Hesíodo, uma referência direta a uma competição rapsódica permite supor que a *persona* hesiódica reivindica ter se apresentado na companhia de Homero nessa ocasião (e talvez também em outras, como a referência à «primeira vez» [*prôton*] parece apontar):

Em Delos, então, pela primeira vez eu e Homero, como aedos,

⁶ A noção aparece no texto do *Certamen* (72), para caracterizar de que modo Hesíodo se posiciona no princípio da competição: *eis tò méson* [no centro]. A importância dessa expressão– empregada para sugerir a dimensão pública de certos eventos entre os helenos antigos– foi apontada por Detienne ([1967] 1981, pp. 81-103). Ainda assim, o acesso a esse espaço «público» parece ter sido limitado a uma aristocracia, sobretudo no que diz respeito ao emprego dessa noção durante o período arcaico, como sugere Assunção (2019) a partir de uma leitura do canto XIX da *Ilíada*.

⁷ Esse elemento pode ter sido explorado pelos comediógrafos Crátino, em *Arkhilókhōi* (Whittaker 1935, pp. 185-6), e por Teléclides, em *Hesíodoi* (Kassel-Austin IV, 1983, p. 121). Para mais reflexões sobre o tema: Koning 2010, p. 245.

costurando [*rápsantes*] a canção com novos hinos, cantamos
 Febo Apolo espada-dourada, que Leto gerou.
 (Hesíodo fr. 357 MW)⁸.

Além de todos esses elementos indicando uma relação tensa entre os repertórios atribuídos a Hesíodo e Homero, a tradição biográfica sobre eles, embora às vezes os represente como contemporâneos que interagem em algumas situações –como durante o certame poético em que se confrontam–, jamais sugere a existência de uma relação de amizade ou cooperação entre os dois. Diante de todos esses elementos, inclino-me a dar razão para Koning (2010, pp. 245-8), que defende um desenvolvimento bastante precoce desse conjunto de histórias explorando a ideia de certa competitividade entre o *corpus* hesiódico e o homérico no seio da tradição hexamétrica arcaica, talvez ainda no século VI AEC⁹.

A questão é controversa porque uma das fontes mais importantes dessa tradição – o *Certamen Homeri et Hesiodi*– não tem autoria nem data seguras, embora a versão transmitida pela tradição manuscrita possua um *terminus post quem* estimável em cerca de 160 EC (já que o Imperador Adriano é mencionado na linha 33 do documento). O caráter compósito do texto, contudo, é evidente e o ainda jovem filólogo Friedrich Nietzsche fez uma análise da questão defendendo pela primeira vez, em artigos de 1870 e 1873, a tese de que parte desse material remontaria à obra *Mouseíon* de Alcídamante, um sofista discípulo de Górgias do século IV AEC. Logo mais, apresentarei as razões acertadas da proposição de Nietzsche, mas o que interessa aqui é que a sugestão encontra respaldo posterior na descoberta de dois papiros com trechos do que parece uma versão mais antiga do *Certamen*, incluindo uma provável indicação de autoria e título¹⁰. Em todo caso, atualmente, o consenso é que uma parte do material preservado no texto do

⁸ No original: ἐν Δήλῳ τότε πρῶτον ἐγὼ καὶ Ὅμηρος ἀοιδοῖ/ μέλομεν, ἐν νεαροῖς ὕμνοις ῥάψαντες ἀοιδῆν./ Φοῖβον Ἀπόλλωνα χρυσάορον, ὃν τέκε Λητώ. – Graziosi (2002, p. 33) sugere que o trecho é uma forma de «história intencional» criada pelos rapsodos para glorificar suas próprias atividades por meio de célebres precursores. Nagy (2010, pp. 336-7) cita esse fragmento em apoio a seu modelo de compreensão das atividades rapsódicas no final do período arcaico. Há quem enxergue no trecho uma alusão ao *Hino homérico a Apolo*, propondo uma espécie de etiologia de sua natureza dúplice: Martin 2000, pp. 411-15; Collins 2001, p. 134.

⁹ Sobre a tradição de competições poéticas desde o período arcaico: Griffith 1990; Collins 2001; Ford 2002, pp. 274-7; Rosen 2004. A esse respeito, cumpre mencionar um escrito curto de Nietzsche ([1872] 2013), intitulado «A disputa de Homero» [*Homer's Wettkampf*], assim como uma de suas anotações de 1875, na qual propõe o seguinte: «No mundo da disputa helênica, Homero é o grego pan-helênico». (5 = U II 8b. [101]). No original: «Homer, in der Welt der hellenischen Zwietracht, der panhellenische Grieche».

¹⁰ Segundo Koning (2010, p. 248, n. 35), um dos papiros é o anônimo Flinders Petrie (P. Petrie 1.25.1, publicado em 1891), que contém –num estado mais ou menos reconhecível– o trecho de *Certamen* 72-101 e pode ser datado de por volta do século III AEC. O outro é o papiro Michigan (Michigan 2745, publicado em 1925), datado do século II ou III EC, contendo o trecho final do *Certamen* e terminando com o possível título e a provável atribuição de autoria: Ἰδαμαντος περὶ ομήρου. A atribuição pode ser lida como «Sobre Homero, de [Alci]damante». Para mais detalhes da tradição manuscrita desse texto: Bassino 2019, pp. 47-82.

Certamen remonta a Alcídamente, ainda que possa ter sido modelado pelo sofista a partir de uma tradição muito mais antiga do que ele próprio¹¹.

O *Certamen* consiste numa obra que propõe uma introdução biográfica às figuras de Hesíodo e Homero –incluindo especulações sobre suas famílias e possíveis origens¹²– antes de apresentar a situação em que eles se encontram em Áulis e seguem juntos para participar de uma competição de *sophía* [habilidade; sabedoria] promovida por Ganítor, na Cálquida, por ocasião das homenagens fúnebres a seu pai Anfídamente, rei da Eubeia. A narrativa menciona ainda que lá estão presentes cidadãos ilustres como juízes, dentre os quais Panedes, irmão do defunto. A competição gira basicamente em torno a um desafio rapsódico de performances curtas, incluindo desafios linguísticos, como forma de exibir conhecimento e astúcia. O narrador não cria qualquer suspense quanto ao final da disputa — posto que começa anunciando desde logo a vitória de Hesíodo —, mas explora o desenrolar dos fatos que levam a esse resultado (*Certamen* 70-2). Ao que tudo indica, a vitória de Hesíodo constitui um dos únicos dados indiscutíveis da história, porque, independentemente de quão incrédulos alguns autores tenham se mostrado quanto a isso, esse é o resultado invariável da competição em todas as versões conhecidas¹³. Tzetzes (Gaisf. 3.164.10-1), por exemplo, exclama: «Ó, que burrice! Ó, que insensatez! Ó, que falta de cultura! Ó, excelência da razão e educação, não estais aos prantos?»¹⁴.

Passando ao certame propriamente dito, é preciso destacar que Hesíodo aparece durante toda a competição como quem toma a iniciativa e desafia Homero de formas cada vez mais intrincadas, enquanto esse último se contenta em responder bem aos desafios, livrando-se deles com relativa facilidade. Como se trata de uma competição na performance de versos hexamétricos diante de um grande público, a narrativa do *Certamen* relata não apenas as apresentações dos dois concorrentes, mas também as

¹¹ A questão, contudo, permanece muito debatida: há quem entenda que os elementos do *Certamen* sejam principalmente da lavra de Alcídamente e, portanto, do século IV AEC (Nietzsche 1873; West 1967); outros pensam que têm origem na Atenas do século V (Graziosi 2002, p. 184; Rosen 2004; Graziosi 2010, pp. 125-30); mas a maior parte dos estudiosos atualmente defende a existência de elementos bastante arcaicos nesse escrito (Pfeiffer 1968, p. 11; Richardson 1981; Lamberton 1988, p. 6; Grotanelli 1992, p. 222; Kivilo 2001; Pinheiro 2005, pp. 115-7; Koning 2010, pp. 245-59; Judet de la Combe 2017, pp. 200-3; Bassino 2019, pp. 5-10; González 2020, pp. 131-2). Para outras referências à questão, inclusive a estudiosos que se recusam a aceitar a atribuição a Alcídamente: O’Sullivan 1992, pp. 63-4; Porter 2000, pp. 239-41.

¹² O autor do *Certamen* (41-53) menciona explicitamente as seguintes versões da cronologia relativa: que Homero seja mais velho do que Hesíodo; que Hesíodo seja mais velho do que Homero; que eles sejam contemporâneos. Como a obra trata da disputa entre Homero e Hesíodo, é de se pressupor que o autor esteja acompanhando esta última versão da cronologia. Jacoby (1904, pp. 152-3) recusa a validade histórica da tradição segundo a qual Hesíodo seria anterior a Homero, mas a decisão parece ter motivação puramente homerocêntrica (Graziosi 2002, p. 104). Para outras referências à questão: Lefkowitz [1981] 2012, pp. 6-29; Graziosi 2002, pp. 164-184; Koning 2010, pp. 25-56; Bassino 2019, pp. 131-6.

¹³ Outras versões da história incluem: dentre as mais longas, a de Plutarco, no *Banquete dos sete sábios* (*Moralia* 153f-154a), e a de Dio Crisóstomo, na *Segunda Oração sobre a Realeza* (2.3-12); dentre as mais curtas, referências em Filóstrato (*Heroico* 43.7-10), Temístio (*Oração* 30.348c-349a), Proclo (*Vida de Homero* 6) e Eustácio (*Comentário à Ilíada* I 6.4-7.1). Sobre essas e outras fontes: Koning 2010, pp. 259-266; Bassino 2019, pp. 5-46.

¹⁴ No original: ὦ τῆς ἀβελτερίας! ὦ τῆς ἀνοίας! ὦ τῆς ἀπαιδευσίας! ὦ λόγου ἀρετῆ καὶ παιδείας, οὐχὶ δακρύετε;

reações do público e a impressão que se cria é a de um favoritismo total de Homero. Isso pode ser uma espécie de concessão da narrativa ao status desse poeta nos tempos de Alcidas (século IV AEC), algo que já naquela época aparece claramente em vários testemunhos (como ainda pretendo indicar). O sofista, contudo, não se contenta em simplesmente receber esse lugar-comum da tradição e acomodá-lo tranquilamente na versão que ele mesmo empreende contar dessa história. Acredito que ele tenha interesses bastante específicos –e polêmicos– com esse escrito, de modo que para compreender suas estratégias de composição será preciso levá-los em conta.

Alcidas é uma figura de destaque da cena cultural helênica do período clássico: discípulo de Górgias, convive e entra em conflito com algumas das personalidades intelectuais mais importantes do período em Atenas, como Isócrates e Platão¹⁵. Embora sua obra tenha sido transmitida de forma muito fragmentada, o que chega aos dias de hoje dá uma boa dimensão da qualidade de sua prosa e os testemunhos sugerem a enorme variedade de seus interesses, geralmente afins à retórica e à educação. Para a presente exposição, contudo, o mais importante é o único de seus textos que sobrevive de forma praticamente integral: *Sobre aqueles que escrevem discursos escritos ou Sobre os sofistas*. Nesse texto –curiosamente, um discurso escrito contra aqueles que escrevem discursos (como o próprio autor observa com certa ironia no §29)–, Alcidas busca contrapor os sofistas [*sophistàs*], enquanto profissionais do discurso oral, àqueles que ele chama de poetas [*poiētàs*], entendidos como meros escritores de discursos (§2); essa mesma contraposição subjaz ainda entre *lógos* (discurso oral) e *poiēma* (discurso escrito) (§12), sempre a partir da pressuposição de que discursos escritos seriam apenas imagens, formas e imitações dos verdadeiros discursos (§27). Não que a habilidade de escrever seja menosprezada por Alcidas, mas jamais aparece destacada como elemento principal na formação do sofista, devendo ficar restrita a um dos meios para a obtenção da excelência na performance oral. Segundo o autor, estudar os discursos antigos e copiá-los é tarefa simples, enquanto criar discursos *ex tempore* – como, aliás, tudo o que é bom e refinado– tem maiores dificuldades, além de ser muito mais útil: mostrar-se capaz de improvisar discursos significa saber responder no calor da hora, tanto em assembleias populares quanto em reuniões privadas, para acalmar os ânimos ou para incentivar à ação (§9-11). Isso não implica na necessidade de se abdicar do estudo e da preparação de um discurso, mas sim na recusa de memorizá-lo por inteiro, afinal, «é impossível saber de cor discursos escritos sobre todos os assuntos» (§14)¹⁶. Essa última passagem é particularmente importante para o que pretendo explorar no *Certamen*, porque nesse ponto Alcidas fala de quem recita um discurso memorizado como alguém que recorre à *hypokrísei* [atuação] e à *rapsōidíai* [recitação rapsódica].

¹⁵ Para mais detalhes sobre questões histórico-biográficas relativas a Alcidas: Pfeiffer 1968, pp. 50-1; O’Sullivan 1992, pp. 23-31; Ford 2002, pp. 233-5; Edwards 2007; Salles 2017; Bassino 2019, pp. 67-75; Alexiou 2020, pp. 43-51; Bassino 2020; Novokhatko 2020, pp. 90-1.

¹⁶ No original: *περὶ πάντων μὲν γὰρ τῶν πραγμάτων γεγραμμένους ἐπίστασθαι λόγους ἔν τι τῶν ἀδυνάτων πέφυκεν.*

Esses recursos podem dar uma impressão de maior precisão, diante do discurso mal improvisado, mas não têm a menor chance contra alguém que realmente conheça a prática dos discursos improvisados, na medida em que este faz todos os elementos da performance concorrerem para seu sucesso: as reações do público, o comportamento do adversário, a possibilidade de que surjam novos argumentos durante a discussão, em suma, tudo o que o bom sofista deve saber explorar no momento oportuno [*kairós*] (§34)¹⁷.

Mas aqui alguém poderia se perguntar o que isso tudo tem a ver com o *Certamen*. Alcídamente, em sua polêmica contra a escrita e em prol dos discursos improvisados, escreve seu *Mouseíon* em torno da querela entre Homero e Hesíodo, mas toma o partido do poeta «menor» e faz dele o porta-voz de sua própria causa. Minha interpretação — e, nesse ponto, acredito abrir vias de especulação não exploradas pela bibliografia secundária sobre o assunto — defende o seguinte: em termos narrativos, enquanto Hesíodo inventa desafios *ad hoc* para tentar colocar o adversário em apuros, este último recorre a seu enorme repertório de versos já preparados antes e responde com tranquilidade por meio de um *enjambement* bem articulado, livrando-se facilmente dos obstáculos; em termos composicionais, é o próprio Alcídamente quem trava um *tour de force* contra Homero (ou mesmo contra a tradição poética representada por ele), porque cria as perguntas «improvisadas» por Hesíodo, buscando apresentá-las de forma tão difícil e paradoxal quanto possível, ainda que sempre passíveis de serem «resolvidas» por algum(s) verso(s) do vasto *corpus* poético tradicionalmente atribuído a Homero. A razão porque reivindico novas vias de especulação sobre o assunto se deve ao fato de que, embora os editores e outros estudiosos do texto do *Certamen* relacionem alguns dos versos empregados aí por Homero ao repertório hexamétrico antigo tradicional (aos *Cantos Cíprios*, aos *Epígonos* e mesmo aos hexâmetros que compõem o primeiro verso dos dísticos elegíacos dos *Teognídea*), ninguém propõe que uma das «regras» que Alcídamente assume nessa «brincadeira por escrito» seria justamente a de limitar as respostas de Homero apenas ao material reconhecido como homérico em sua época, enquanto Hesíodo desfrutaria durante todo o certame da liberdade de improvisar (valendo lembrar que, apesar de eventuais ecos tradicionais, tudo leva a crer que os versos mobilizados por ele sejam invenções do próprio Alcídamente)¹⁸. Evidentemente, como a

¹⁷ Para uma análise do estilo de Alcídamente e a contraposição entre discurso escrito e discurso improvisado: O’Sullivan 1992, pp. 32-62; Thomas 1992, p. 124; Ford 2002, pp. 233-5; Salles 2017.

¹⁸ A referência à «brincadeira por escrito» — ao «dedicar-se a escrever por brincadeira e de modo acessório» [τοῦ δὲ γράφειν ἐν παιδιᾷ καὶ παρέργῳ ἐπιμελούμενος] — é uma alusão ao parágrafo final do discurso *Sobre os sofistas* (§34), que acredito desempenhar uma função apologética de seu próprio discurso (não tanto improvisado, mas paradoxalmente colocado por escrito), enquanto talvez estabeleça uma espécie de programa para seu *Mouseíon*. Curiosamente, autores que atribuem a Alcídamente a criação dessa estrutura básica do *Certamen* preferem compreender que quem improvisa nela é Homero, como se ele fosse o favorito de Alcídamente, não Hesíodo (Nietzsche 1873; Vogt 1959; O’Sullivan 1992, pp. 63-105; Kimmel-Clauzet 2015, pp. 27-8; Novokhatko 2020, p. 91). Essa leitura, a meu ver, não encontra respaldo textual e constitui um reflexo dos pressupostos homerocêntricos de que partem esses estudos. Sobre o uso de *enjambements* na poesia homérica: Collins 2001, pp. 137-43; Muellner 2020, pp. 22-9.

maior parte do repertório hexamétrico arcaico se perdeu, minha conjectura deve permanecer incomprovada (e, por ora, improvável), mas acredito que tenha certo apelo heurístico.

Independentemente dessas especulações, contudo, é possível afirmar que a competição rapsódica é construída de tal modo que o sucesso aparente de Homero siga num *crescendo* contínuo desde o início. Em alguns momentos, o pingue-pongue de desafios e soluções é brevemente interrompido pelo narrador, com algum comentário sobre a reação positiva do público a Homero e o descontentamento que isso provoca em seu zeloso adversário: «Hesíodo, exasperado com a desenvoltura de Homero, resolveu dar início a um interrogatório sobre coisas sem solução [...]» (*Certamen* 94-6)¹⁹; «mesmo com Homero sendo superior em tudo, Hesíodo, cheio de rivalidade, começa de novo» (*Certamen* 148-50)²⁰. E esse *crescendo* atinge o clímax das expectativas do público – tanto daquele interno à narrativa, isto é, daquele que assiste ao certame entre Homero e Hesíodo na Cálquida, quanto daquele que lê o texto da tradição biográfica– quando o narrador afirma o seguinte: «Depois de serem recitadas também essas coisas, os helenos todos mandaram coroar Homero, mas o rei Panedes mandou que cada um declamasse a parte mais bela de seus próprios poemas» (*Certamen* 176-9)²¹. O rei Panedes –nome cujo sentido parece ser «aquele-que-tudo-sabe» (*Paneídēs* ou *Panoídēs*, a depender da edição de texto que se segue)–, mencionado no início da narrativa (*Certamen* 69) e quase esquecido a essa altura da história, intervém nesse ponto crucial: ao contrário do que o público de modo geral parece acreditar, sua declaração demonstra que, da perspectiva dos juízes, Homero não está vencendo Hesíodo, mas eles estão empatados. Assim como um consegue encontrar soluções satisfatórias para todos os versos desafiadores que o adversário formula, este, por sua vez, consegue continuar a improvisar novos versos incansavelmente. É por isso que o rei Panedes resolve mudar os termos da competição, com o objetivo de que ela termine, e ordena que a questão se decida por meio da apresentação do que há de mais belo nos poemas de cada um deles [*kálliston ek tôn idíōn poiēmátōn*]²².

Hesíodo, como no resto da competição, toma a iniciativa e recita o seguinte:

Quando as Plêiades, filhas de Atlas, despontam,
começai a colheita; quando somem, o arado.

¹⁹ No original: ὁ δὲ Ἡσίοδος ἀχθεσθεὶς ἐπὶ τῇ Ὀμήρου εὐημερίᾳ ἐπὶ τὴν τῶν ἀπόρων ὄρμησεν ἐπερώτησιν [...].

²⁰ No original: κατὰ πάντα δὴ τοῦ Ὀμήρου ὑπερτεροῦντος φθονῶν ὁ Ἡσίοδος ἄρχεται πάλιν.

²¹ No original: ῥηθέντων δὲ καὶ τούτων, οἱ μὲν Ἕλληνας πάντες τὸν Ὀμηρον ἐκέλευον στεφανοῦν, ὁ δὲ βασιλεὺς Πανοίδης ἐκέλευσεν ἕκαστον τὸ κάλλιστον ἐκ τῶν ιδίων ποιημάτων εἰπεῖν.

²² Com base nessa formulação é de se supor que, na versão de Alcídamente da história, Homero não apareceria compondo a *Ilíada* após ser derrotado por Hesíodo, como acontece no *Certamen* (276), mas antes. É provável que nada fosse dito sobre um trabalho prévio de composição poética por parte de Hesíodo, como acontece no texto transmitido do *Certamen*.

Pois eis que elas durante quarenta noites e dias
se escondem e, de novo, quando virar o ano,
aparecem, tão logo primeiro o ferro se amola.
Tal é a lei do campo, tanto aos que vivem
perto do mar, quanto aos que vales de densos bosques,
longe do mar ondejante, em fértil região,
habitam: despido semear, despido arar
e despido colher, quando for o tempo propício.
(*Certamen* 180-9)²³.

Depois dele, Homero:

Em torno, então, aos dois Ájaces, as falanges resistiram,
firmes, às quais nem Ares desdenharia enfrentar,
nem Atena, socorro-do-exército. Pois os melhores,
seletos, aguardavam os troianos e Héctor,
cerrando lança contra lança, com couraça sobre couraça,
escudo contra escudo, elmo a elmo, homem a homem,
e a crina dos elmos tocava os refulgentes peitorais
quando mexiam a cabeça, tão cerrados estavam uns contra os outros.
Eriçou-se a batalha destruidora de mortais, com as lanças
enormes, que eles portavam, dilaceradoras. Os olhos cegava
o brilho brônzeo dos elmos refulgentes,
das couraças recém-lustradas e dos escudos brilhantes
dos que avançavam na confusão. De coração muito audaz seria
quem então regozijasse em ver a matança e não se afligisse.
(*Certamen* 191-204)²⁴.

²³ A passagem é composta por uma retomada literal, incluindo apenas uma ligeira adaptação no último verso do trecho, de *Trabalhos e dias* 383-92. No original: Πληιάδων Ἀτλαγενέων ἐπιτελλομενάων/ ἄρχεσθ' ἀμήτου, ἀρότιό τε δυσομενάων./ αἶ δὴ τοι νύκτας τε καὶ ἡμέματα τεσσαράκοντα/ κεκρύφαται, αὐθις δὲ περιπλομένου ἐνιαυτοῦ/ φαίνονται, τὰ πρῶτα χαρασσομένοιο σιδήρου./ οὗτός τοι πεδίον πέλεται νόμος, οἷ τε θαλάσσης/ ἐγγύθι ναιετάουσ', οἷ τ' ἄγκεα βησσηέντα/ πόντου κυμαίνοντος ἀπόπροθι πίονα χῶρον/ ναίουσιν· γυμνὸν σπείρειν, γυμνὸν δὲ βοωτεῖν./ γυμνὸν τ' ἀμάειν, ὅτ' ἂν ὄρια πάντα πέλωνται.

²⁴ A passagem é composta por uma justaposição bem armada de *Il.* 13.126-33 e 13.339-44. No original: ἀμφὶ δ' ἄρ' Αἴαντας δοιοὺς ἴσαντο φάλαγγες/ καρτεραί, ἃς οὐτ' ἂν κεν Ἄρης ὀνόσαιτο μετελθών/ οὔτε κ' Ἀθηναίη λαοσσόος. οἷ γὰρ ἄριστοι/ κρινθέντες Τρῳάς τε καὶ Ἴκτορα δῖον ἔμμινον/ φράξαντες δόρυ δουρί, σάκος σάκει προθελύμφο./ ἀσπίς ἄρ' ἀσπίδ' ἔρειδε, κόρυς κόρυιν, ἀνέρα δ' ἀνήρ./ ψαῦον δ' ἰππόκομοι κόρυθες λαμπροῖσι φάλοισι/ νευόντων· ὡς πυκνοὶ ἐφέστασαν ἀλλήλοισιν./ ἔφριξεν δὲ μάχη φθισίμβροτος ἐγγεῖησι/ μακραις, ἃς εἶχον ταμείχροας. ὅσσε δ' ἄμερδεν/ αὐγὴ χαλκεῖη κορύθων ἄπο λαμπομενάων/ θωρήκων τε νεοσμήκτων σακέων τε φαεινῶν/ ἐρχομένων ἄμυδις. μάλα κεν θρασυκάρδιος εἶη/ ὅς τότε γηθήσειεν ἰδὼν πόνον οὐδ' ἀκάχοιτο.

Neste ponto, revertendo brutalmente as expectativas criadas desde o início da competição, o narrador relata simplesmente:

Admirados também com isso, os helenos louvavam Homero, porque seus versos ultrapassavam todos os limites, e ordenavam que a vitória lhe fosse dada. Mas o rei coroou Hesíodo, depois de dizer que era justo vencer quem conclama ao trabalho agrícola e à paz, não quem esmiúça guerras e massacres. Dizem que assim aconteceu a vitória de Hesíodo e que, após receber um tripé de bronze, dedicou-o às Musas com a seguinte inscrição:

«Hesíodo às Musas Heliconíades isto dedicou
após vencer com um hino, na Cálquida, o divino Homero».
(*Certamen* 205-14)²⁵.

Como já adiantei anteriormente, o resultado do certame parece ter sido bem conhecido durante toda a Antiguidade e, ainda assim, muitas são as reações de contrariedade entre seus mais diversos leitores, tanto antigos quanto modernos²⁶. Isso talvez se deva a uma construção narrativa sofisticada, apesar de aparentemente simples – e que, a meu ver, remonta ao próprio Alcídante–, na qual vários sinais concorrem para sugerir a impressão de que a vitória de Homero seria inevitável: a facilidade aparente com que resolve os desafios; a reação favorável do público; a exasperação de seu adversário. Além disso, não é de se menosprezar o favoritismo de base de que desfruta Homero junto ao público leitor do período clássico. Acredito que toda a introdução biográfica do *Certamen* se preste a passar em revista os vários lugares-comuns favoráveis a Homero, contrapondo-os à aparente indignidade de Hesíodo: enquanto o pai deste se estabelece como imigrante pobre junto ao Hélicon, fazendo com que Hesíodo seja natural da miserável aldeia de Ascra, Homero é reivindicado por uma infinidade de cidades helênicas e, entre seus muitos pais presumidos, estão divindades e figuras mitológicas, constituindo esse assunto um tema da mais alta distinção (como atesta a referência ao interesse do Imperador Adriano). Ou seja, o *Certamen* é construído de modo a potencializar o favoritismo de que Homero desfruta junto aos leitores para aumentar o contraste entre aquilo que ele representa e aquilo que Hesíodo aqui é convocado a

²⁵ No original: θαυμάσαντες δὲ καὶ ἐν τούτῳ τὸν Ὅμηρον οἱ Ἕλληνας ἐπήνουν, ὡς παρὰ τὸ προσῆκον γεγονότων τῶν ἐπῶν, καὶ ἐκέλευον διδόναι τὴν νίκην. ὁ δὲ βασιλεὺς τὸν Ἡσίοδον ἐστεφάνωσεν εἰπὼν δίκαιον εἶναι τὸν ἐπὶ γεωργίαν καὶ εἰρήνην προκαλούμενον νικᾶν, οὐ τὸν πολέμους καὶ σφαγὰς διεξιόντα. τῆς μὲν οὖν νίκης οὕτω φασὶ τυχεῖν τὸν Ἡσίοδον καὶ λαβόντα τρίποδα χαλκοῦν ἀναθεῖναι ταῖς Μούσαις ἐπιγράψαντα· Ἡσίοδος Μούσαις Ἑλικωνίσι τόνδ' ἀνέθηκεν/ ὕμνῳ νικήσας ἐν Χαλκίδι θεῖον Ὅμηρον.

²⁶ Koning (2010, pp. 254-5) reúne criticamente esses trechos. Alguns exemplos de insatisfação com o resultado da disputa incluem: Nietzsche 1870, p. 118; Vogt 1959, pp. 199-201; Griffith 1990, p. 190; O'Sullivan 1992, pp. 96-8; Rosen 2004, p. 301; Bassino 2019, pp. 167-9; González 2020, p. 132.

representar. Parte dessa construção me parece remontar à estrutura idealizada pelo próprio Alcidas em seu *Mouseion*²⁷.

Homero é a poesia escrita. Em primeiro lugar, porque, ao contrário de seu adversário, aparece relacionado à palavra escrita em dois momentos dessa introdução biográfica: como um mestre das primeiras letras [*grámmata*], segundo os colofônios (*Certamen* 16), e como o filho de Menêmaco, um sacerdote escriba [*hierogrammatéa*], segundo os egípcios (*Certamen* 23). Além disso, porque é representado fazendo poemas previamente –algo sempre indicado pelo verbo *poiéō* ou pelo substantivo *poiēma*, cujo sentido básico, como já sugeri, tem relação simplesmente com a ideia de «escrever» (por contraposição a todo o léxico do *lógos*) na obra de Alcidas, *Sobre os sofistas*–, para só em seguida apresentar esses poemas em público, às vezes especificadamente como faz um rapsodo: é assim com o *Margites* (*Cert.* 17; 56), a *Tebaida* (*Cert.* 255), os *Epígonos* (*Cert.* 258), o epitáfio epigramático para o rei Midas (*Cert.* 262), a *Iliada* e a *Odisseia* (*Cert.* 275-6; 286)²⁸. O caso do epitáfio é ainda mais emblemático, porque ele parece representar para Alcidas justamente a quintessência da poesia escrita (encontrando ressonâncias, por exemplo, em versos de Simônides 581 *PMG* e numa referência do *Fedro* 264c-e)²⁹. Quando Homero compõe versos de improviso [*skhediásai*], o narrador faz questão de especificar isso como um fato excepcional, devido às circunstâncias adversas (*Cert.* 279), indicando também desse modo de que forma concebe a atuação costumeira de Homero. Hesíodo, por outro lado, em momento algum aparece escrevendo, nem mesmo preparando versos. Como sugeri antes, Hesíodo é a *sophía* [habilidade; sabedoria] da palavra improvisada.

Não consigo entender, portanto, a surpresa dos comentadores –volto a enfatizar, tanto antigos quanto modernos– diante do resultado de uma disputa articulada e explorada por Alcidas, em conformidade com seus mais explícitos interesses numa questão

²⁷ West (1967, p. 443) sugere que a disputa tem uma estrutura tradicional entre os gregos antigos, na qual alguém toma uma decisão inesperada e a justifica de forma original, mas convincente. Ou seja, o estudioso acredita que a decisão do rei Panedes está em conformidade com o que é construído ao longo da narrativa. Ainda assim, West não explora alguns dos detalhes de composição que me parecem fundamentais para se compreender o que está por trás dessa decisão (tal como sugiro na sequência do argumento).

²⁸ A definição proposta por Nagy (2010, pp. 31-47) para o verbo *poiēin* em certa tradição biográfica sobre Homero (que ele considera pré-atenocêntrica e atenocêntrica), a meu ver, não tem qualquer validade para o que se encontra em jogo no *Certamen*. Como costuma ser levado a fazer por causa de seus pressupostos estruturalistas de base linguístico-cultural (cuja pedra-de-toque é a noção de pan-helenismo), Nagy aplica em sua leitura desses textos a ideia de que eles façam parte de um sistema cuja coerência só pode ser imposta às expensas das possíveis idiosincrasias desses textos e seus autores. A distinção que o estudioso tenta impor entre os sentidos de *graphein* e *poiēin* como algo compartilhado por todo esse material simplesmente não faz sentido para uma obra que tudo indica remontar em larga medida a Alcidas, um sofista cujo emprego do verbo *poiēin* (e derivados) deliberadamente usurpa o sentido de *graphein*, como acredito ter mostrado em minha leitura de *Sobre os sofistas* (cf. ainda: O'Sullivan 1992, pp. 42-62). Para uma crítica análoga aos problemas dos pressupostos estruturalistas de Nagy, em outros de seus trabalhos: Silva 2018, p. 100.

²⁹ Sobre o tema: West 1967, pp. 447-8; Ford 2002, pp. 101-9; Judet de la Combe 2017, pp. 181-6; Bassino 2019, pp. 179-80. A meu ver, uma tese sobre «a dialética e as letras» no *Fedro* de Platão poderia se beneficiar de uma análise detida do epitáfio de Midas (cf. Fortes 2019, p. 133, n. 196).

fundamental para a sofística da época. Alguns dos elementos em jogo nessa disputa são certamente tradicionais (como indicam os versos de *Trabalhos e dias* 650-9, por exemplo). Outros, como os ecos da disputa entre Ésquilo e Eurípides na comédia as *Rãs*, de Aristófanes, ou das discussões de sofistas nas *Memoráveis* (1.2.56-8), de Xenofonte, refletem questões próprias da Atenas clássica³⁰. Acredito que o interesse de Alcidamante pela disputa entre o discurso escrito e a palavra improvisada deva ser compreendido à luz de seu próprio contexto histórico, como atestam as discussões do *Fedro*, de Platão, ou do discurso *Contra os sofistas*, de Isócrates (ambos também do início do século IV AEC)³¹. Apesar disso, uma obra como o *Mouseïon* não teria o menor apelo se tentasse representar as linhas de força desse embate por meio de figuras pouco reconhecíveis para seu público, isto é, sem um lastro claramente identificável na tradição helênica mais antiga. Nesse sentido, acredito que a obra de Alcidamante explore uma relação entre Homero e a escrita. Inclusive, em termos da valorização positiva que essa relação implica historicamente para Homero e o *corpus* de versos primordialmente associado a ele, porque Alcidamante oferece em sua obra uma crítica radical não apenas à escrita, mas a Homero –enquanto representante da escrita– e, portanto, à valorização positiva que a escrita e Homero conhecem em sua própria época³².

Essa crítica manifesta-se de modo extremamente sutil, mas, a meu ver, inquestionavelmente aparece no *Mouseïon*, isto é, naquilo que sobrevive do *Mouseïon* no texto do *Certamen*. Custa-me acreditar que esta leitura não tenha sido proposta antes e que mesmo os mais favoráveis leitores modernos de Hesíodo tenham se deixado guiar pelos pressupostos homerocêntricos que impedem a compreensão do que se encontra por trás do resultado final da disputa entre Hesíodo e Homero³³. Peço que se considere com

³⁰ Propostas instigantes de exploração desses temas são: Graziosi 2002, pp. 176-180; Koning 2010, pp. 256-8; Bassino 2019, pp. 147-9.

³¹ Sobre esse debate central da Atenas clássica: Pfeiffer 1968, pp. 31-2; Vegetti 1988; O’Sullivan 1992, pp. 23-31; Nightingale 1995, pp. 133-71; Ford 2002, pp. 229-49; Castello 2009; Salles 2017; Fortes 2019, p. 171, n. 257.

³² Lateralmente, vale a pena aproveitar a oportunidade para esclarecer o interesse de alguém como Nietzsche –ainda professor de Filologia na Basileia– por Alcidamante e pela tradição do *Certamen*. Para além da reflexão ao longo de toda a sua obra acerca de questões (auto)biográficas, Nietzsche compartilha ainda da desconfiança de Alcidamante contra uma cultura excessivamente letrada que decide abrir mão da capacidade de pensar e improvisar para responder da melhor maneira possível a cada situação. Para mais detalhes sobre alguns dos posicionamentos pedagógicos de Nietzsche afinados aos de Alcidamante, apresentados originalmente como palestras em 1872: *Ueber die Zukunft unserer Bildungsanstalten*. Em português: «Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino» (Nietzsche [1872] 2003, pp. 41-137). Discussões sobre o tema incluem: Derrida 1984; Melo Sobrinho 2003; Monteiro 2007.

³³ Refiro-me aqui a Graziosi (2002, pp. 168-80), Graziosi e Haubold (2005, pp. 31-2), mas sobretudo a Koning (2010, pp. 248-59), que apresenta uma leitura perspicaz de muitas passagens do vastíssimo material de recepção da figura de Hesíodo na Antiguidade, embora, nesse caso específico, conclua sua análise de modo particularmente insípido com as seguintes palavras: «Hesíodo vence porque um juiz selecionado deixa o valor moral do assunto do poema prevalecer sobre todas as demais considerações». (Koning 2010, pp. 258-9). A meu ver, essa interpretação do *Certamen* é muito limitada, porque não faz justiça ao texto. Na verdade, certos pressupostos homerocêntricos parecem obstruir a compreensão da complexidade por trás da decisão do rei Panedes: até mesmo uma leitura mais atenta ao contexto do certame –como a de Judet de la Combe (2017, pp. 158-66)– não concatena bem as informações mais relevantes em prol de uma interpretação contundente do todo.

atenção esse trecho do *Certamen* (176-214), que é o clímax da narrativa. Como já disse anteriormente, o rei Panedes –nome cujo sentido é «aquele-que-tudo-sabe»–, retorna à narrativa nesse ponto crucial e ordena que a competição empatada se resolva por meio da recitação do que há de mais belo (ou melhor) nos poemas de cada um dos competidores [*kálliston ek tôn idiōn poiēmátōn*] (*Cert.* 178).

Hesíodo escolhe um trecho que demarca o início da segunda metade de *Trabalhos e dias* (383). A referência às Plêiades tem uma função programática –função, aliás, reconhecida pela própria tradição manuscrita do poema, que às vezes rubrica essa passagem ou anota *bíblōs deúteros* [livro segundo]– porque esses astros demarcam as estações e seus trabalhos tanto na realidade agrária da Antiguidade, quanto no interior da própria canção de Hesíodo³⁴. Complementarmente, a escolha do verbo *árkhesthe* [começai], numa forma imperativa de segunda pessoa do plural, reforça essa dimensão ao ecoar seu emprego em outras posições de destaque do repertório hexamétrico arcaico (no próêmio da *Teogonia* e de vários *Hinos Homéricos*, por exemplo). Ademais, a construção do verso seguinte, com a partícula *toi*, implica num verdadeiro chamamento à ação no presente, cujo endereçado mais imediato evidentemente continua sendo Perses, embora seja de se imaginar que se aplique também ao público da performance dessa canção³⁵. E, a meu ver, existe aqui uma excelente indicação de seu próprio contexto de apresentação: trata-se de um festival celebrado no início da primavera, quando as Plêiades desaparecem do céu e tem início a retomada dos trabalhos da lavoura, após os meses de inverno. O cantor especifica, em verbos conjugados num presente do indicativo de valor gnômico –fato reforçado por um advérbio como *aûtis* [de novo] e por uma locução como «*periploménou eniautoû*» [virado o ano]–, que a atual desaparecimento das Plêiades há de durar apenas quarenta noites e dias até que esses trabalhos terminem e comecem aqueles relativos à colheita (ou, para quem tenha interesse em navegar, também os dias de navegação). Tomo a liberdade de citar novamente esses versos para suscitar a possibilidade de que se confira a pertinência de tal interpretação:

Quando as Plêiades, filhas de Atlas, despontam,
começai a colheita; quando somem, o arado.
Pois eis que elas durante quarenta noites e dias
se escondem e, de novo, quando virar o ano,
aparecem, tão logo primeiro o ferro se amola.

³⁴ O desaparecimento das Plêiades do céu significa o trabalho do arado (384, 615), enquanto seu retorno marca o início da colheita (383, 572) e da temporada de navegação (619). Para mais detalhes sobre o tema: Canevaro 2011, p. 239.

³⁵ Griffith (1983, pp. 58-60) sugere que *Trabalhos e dias* se dirige a quatro públicos distintos: Perses, os reis, os vizinhos das terras em disputa e o público da performance.

(*Trabalhos e dias* 383-7 Most)³⁶.

A meu ver, portanto, na linha do que seria possível defender também sobre o emprego do dêitico *têide* [aqui; neste rumo] (*Trabalhos e dias* 635) como forma de dar uma indicação geográfica sobre a performance da própria canção, acredito que os versos ora citados façam uma referência à época do ano em que estão sendo entoados. Ou seja, há aí uma referência a seu contexto de performance e é possível afirmar que se trata de um festival de primavera.

Curiosamente, contudo, Alcidas faz com que seu Hesíodo –a pedido do rei Panedes– cite justamente esse mesmo trecho como o que há de mais belo em seus poemas. Não haveria nisso um ligeiro problema? Se no *Mouseïon*, ou melhor, no *Certamen* (66-8), Hesíodo e Homero acabam de tomar um barco para atravessar de Áulis para a Cálquida, isso não seria um sinal de que a ação se passa necessariamente depois de as Plêiades terem voltado ao céu, permitindo a retomada segura das atividades de navegação? Sim, indubitavelmente isso está pressuposto. Mas isso quer dizer que o trecho seria inapropriado para o contexto de performance representado no *Certamen*? Não, porque esses versos de *Trabalhos e dias* são flexíveis o bastante para se adaptar com igual facilidade a uma data de início do verão, uma vez que tematizam o ciclo dos trabalhos agrícolas sob o signo de uma espécie de eterno retorno das Plêiades. Ou seja, esse mesmo trecho pode ser recitado com igual pertinência durante os jogos fúnebres em honra ao rei Anfidamante num período em que os mares para a Eubeia acabam de se tornar novamente navegáveis. Se minha proposta estiver correta, qual é a mensagem proclamada por Hesíodo? «As Plêiades acabam de surgir de volta nos céus e o ferro está afiado: que comecem os trabalhos da colheita!».

Por outro lado, há mais um aspecto que não me parece nada desprezível para a boa compreensão do que se encontra por trás do resultado da disputa entre Hesíodo e Homero: as informações sobre as circunstâncias da morte do rei Anfidamante. Independentemente da historicidade da guerra Lelantina³⁷, a tradição antiga sobre o tema parece estar bem conservada neste significativo trecho de Plutarco, em seu *Banquete dos sete sábios*, quando especifica o seguinte: «Anfidamante era um varão guerreiro que, tendo preparado muitas ações contra os eritreus, tombou durante as batalhas na região da Lelantina» (Plutarco, *Moralia* 153f)³⁸. Ora, a Erétria é uma cidade que fica na região ocidental da Eubeia, a mesma ilha em que se encontra a Cálquida (na região oriental,

³⁶ No original: Πληιάδων Ἀτλαγενέων ἐπιτελλομενάων/ ἄρχεσθ' ἀμήτου, ἀρότοιό τε δυσομενάων· αἱ δὴ τοι νύκτας τε καὶ ἡμέρας τεσσαράκοντα/ κεκρύφαται, αὐθις δὲ περιπλομένου ἐνιαυτοῦ/ φαίνονται, τὰ πρῶτα χαρασσομένοιο σιδήρου.

³⁷ Para a referência a outros testemunhos antigos e reflexões sobre a questão: Fehling 1979, pp. 199-210; Janko 1982, pp. 94-8; Barron, Easterling 1985, p. 93; Tausend 1987, pp. 499-514; Naddaf 2002, pp. 346-7; Hall 2007, pp. 4-7.

³⁸ No original: ἦν δ' ὁ Ἀμφιδάμας ἀνὴρ πολεμικός, καὶ πολλὰ πράγματα παρασχὼν Ἐρετριεῦσιν ἐν ταῖς περὶ Ληλάντου μάχαις ἔπεσεν.

voltada para a Hélade). Assim sendo, a famigerada guerra Lelantina é um conflito interno à ilha da Eubeia, um fratricídio que arrastou o restante do mundo helênico para um ciclo de morte e destruição rememorado até muitas gerações depois. Mais uma vez, para meu argumento, não importa se a guerra de fato ocorreu, mas sim o imaginário formado em torno dela. E quanto a isso, não é possível ter muitas dúvidas sobre o modo como os próprios antigos parecem tê-la concebido. Como de costume, o testemunho de Tucídides (1.15.3) é lapidar: «A guerra entre calcídeos e erétrios foi a que, no passado, mais dividiu o resto do mundo helênico entre as alianças com um ou outro lado»³⁹.

Esse é o contexto histórico mais imediato da realização dos jogos fúnebres em honra a Anfidamante. Trata-se, portanto, do funeral do rei da Eubeia, morto numa guerra fratricida, disputada entre dois povos dessa mesma ilha, calcídeos e erétrios. E que opção faz Homero, numa competição de *sophía* [sabedoria] celebrada nesse contexto, como o mais belo trecho de seus poemas? Novamente, limito-me a retomar os versos já citados, pois acredito que eles tornem ainda mais evidente a obviedade de minha interpretação:

Em torno, então, aos dois Ájaces, as falanges resistiram,
firmes, às quais nem Ares desdenharia enfrentar,
nem Atena, socorro-do-exército. Pois os melhores,
seletos, aguardavam os troianos e Héctor,
cerrando lança contra lança, com couraça sobre couraça,
escudo contra escudo, elmo a elmo, homem a homem,
e a crina dos elmos tocava os refulgentes peitorais
quando mexiam a cabeça, tão cerrados estavam uns contra os outros.
Eriçou-se a batalha destruidora de mortais, com as lanças
enormes, que eles portavam, dilaceradoras. Os olhos cegava
o brilho brônzeo dos elmos refulgentes,
das couraças recém-lustradas e dos escudos brilhantes
dos que avançavam na confusão. De coração muito audaz seria
quem então regozijasse em ver a matança e não se afligisse.
(*Certamen* 191-204)⁴⁰.

³⁹ No original: Μάλιστα δὲ ἐς τὸν πάλαι ποτὲ γενόμενον πόλεμον Χαλκιδέων καὶ Ἐρετριῶν καὶ τὸ ἄλλο Ἑλληνικὸν ἐς ξυμμαχίαν ἑκατέρων διέστη.

⁴⁰ No original: ἀμφὶ δ' ἄρ' Αἴαντας δοιοὺς ἴσαντο φάλαγγες/ καρτεραί, ἄς οὔτ' ἄν κεν Ἄρης ὀνόσαιτο μετελθών/ οὔτε κ' Ἀθηναίη λαοσσόος. οἱ γὰρ ἄριστοι/ κρινθέντες Τρῶάς τε καὶ Ἴκτορα δῖον ἔμμινον/ φράξαντες δόρυ δουρί, σάκος σάκει προθελύμνω·/ ἀσπίς ἄρ' ἀσπίδ' ἔρειδε, κόρυς κόρυιν, ἀνέρα δ' ἀνήρ./ ψαῦον δ' ἰππόκομοι κόρυθες λαμπροῖσι φάλιοισι/ νευόντων· ὡς πυκνοὶ ἐφέστασαν ἀλλήλοισιν./ ἔφριξεν δὲ μάχη φθισίμβροτος ἐγγείησι/ μακραις, ἄς εἶχον ταμείχρους. ὅσσε δ' ἄμερδεν/ ἀυγὴ χαλκεῖη κορύθων ἄπο λαμπομενάων/ θωρήκων τε νεοσμῆκτων σακέων τε φαιινῶν/ ἐρχομένων ἄμυδις. μάλα κεν θρασκευάρδιος εἶη/ ὅς τότε γηθήσειεν ἰδὼν πόνον οὐδ' ἀκάχοιτο.

Homero opta por uma cena de batalha. Como observado por inúmeros comentadores, uma cena que parece representar um combate hoplítico e refletir sobre a violência generalizada dessa forma de guerra. Há um notável tom de censura nos últimos versos da passagem, como se o narrador conseguisse compreender o júbilo guerreiro até certo ponto –uma vez que a descrição cinematográfica da cena anterior não deixa de ter seu apelo estético (no sentido etimológico da palavra)–, mas não na mortandade sem limites que eventualmente ocorre. Ainda assim, são versos que invocam a sanguinolência e a carnificina com uma verborragia que talvez não fosse de todo conveniente, mesmo para uma sociedade bélica como a dos antigos helenos, durante o tipo de evento em que costumam ser apresentadas as canções da tradição hexamétrica arcaica (o festival cívico-religioso e o banquete). Contudo, entoar esses versos durante o funeral de um rei morto durante uma guerra fratricida que arrasa seus próprios súditos? Tocar uma ferida recentíssima e arriscar assim suscitar uma retomada das ofensivas com resultados mutuamente dilaceradores? Pois é precisamente isso que Homero –o grande sábio dos discursos escritos– propõe⁴¹. E por que ele não é capaz de abrir os olhos para o contexto de performance onde eles se encontram a fim de se decidir de forma um pouco mais atenta à realidade do momento? Porque ele sabe de cor muitos poemas (como o *Certamen* sugere bem), ainda que pareça ignorar que «é impossível saber de cor discursos escritos sobre todos os assuntos» (Alcidamante, *Sobre os sofistas* §14).

Recapitulando o argumento: a época do ano em que transcorrem os jogos fúnebres em honra a Anfidamante coincide com a reabertura dos mares para a navegação e a retomada dos trabalhos agrícolas; a Eubeia acaba de testemunhar os horrores de uma guerra fratricida entre calcídeos e erétrios (não sendo de somenos importância o fato de que a estação das guerras seja justamente o período entre o final da primavera e o verão); Hesíodo canta versos incentivando a retomada dos trabalhos do campo; Homero recita um trecho de um poema com imagens esplêndidas de combates e chacinas. Ora, quem demonstra possuir mais *sophía* [sabedoria]? Para o povo, admirado com «versos que ultrapassam todos os limites» [*parà tò prosêkon gegonótōn tōn epōn*] (inclusive, os limites da conveniência), aquele que deveria ser coroado continua sendo Homero, independentemente das consequências nefastas advindas da escolha. Para o novo rei da Eubeia, Panedes –«aquele-que-tudo-sabe»–, simplesmente não há dúvidas de que o vencedor é Hesíodo. E não consigo entender o porquê de tanta surpresa por parte dos leitores do *Certamen*, uma vez que o próprio narrador conclui com o mais límpido dos veredictos: «[O] rei coroou Hesíodo, depois de dizer que era justo vencer quem conclama ao trabalho agrícola e à paz, não quem esmiúça guerras e massacres». (*Certamen* 207-10)⁴².

⁴¹ Sobre a noção de conveniência da canção no período arcaico (justamente relacionada com temas fúnebres, no caso de Ford): Verdenius 1983, pp. 53-4; Ford 2002, pp. 13-7; Hunter 2009, pp. 13-5.

⁴² No original: ὁ δὲ βασιλεὺς τὸν Ἡσίοδον ἐστεφάνωσεν εἰπὼν δίκαιον εἶναι τὸν ἐπὶ γεωργίαν καὶ εἰρήνην προκαλούμενον νικᾶν, οὐ τὸν πολέμους καὶ σφαγᾶς διεξιόντα.

Em pleno período clássico, Alcidas opera assim a mais completa transvaloração do significado de Homero e da escrita, por um lado, de Hesíodo e da palavra improvisada, por outro. Há ainda, é claro, um viés evidentemente aristocrático e até antidemocrático na forma como todas as peripécias são aí narradas, evocando certas passagens virulentas de Platão e Xenofonte, por exemplo. Nesse sentido, uma leitura atenta do *Mouseïon* de Alcidas –isto é, do que foi transmitido dele no *Certamen*–corroborava e ilustra exemplarmente as propostas defendidas em seu discurso *Sobre os sofistas*. Ainda assim, é preciso lembrar que o *Certamen* está inserido na tradição biográfica sobre essas duas figuras de autoridade do repertório poético da Antiguidade clássica e não pode deixar de prestar reverência a certos lugares-comuns dessa tradição. Paralelamente, não é possível saber quanto do final do *Certamen* efetivamente remonta a Alcidas e quanto pertence a fontes posteriores, compiladas para tentar fornecer um quadro biográfico mais completo e satisfatório ao leitor⁴³.

Em todo caso, que fim levam Hesíodo e Homero na tradição biográfica do *Certamen*? Após a atribuição do prêmio, Hesíodo viaja até Delfos, onde é reconhecido pela profetiza de Apolo, que, num transe inspirado, proclama um oráculo sobre sua glória e seu fim (*Certamen* 215-8). Tentando evitar a realização da morte predita, Hesíodo opta por estender sua estadia numa determinada região, onde acaba sendo injustamente acusado de seduzir uma jovem e é assassinado por seus irmãos, que se livram de seu corpo lançando-o ao mar. Espantosamente, contudo, golfinhos trazem seu cadáver de volta à terra no terceiro dia, durante a realização de um festival no local, de modo que seus assassinos são descobertos e punidos, enquanto o próprio Hesíodo recebe um digno sepultamento e, posteriormente, até honras fúnebres comuns a heróis (como é o caso da transferência de sua ossada pelos orcomênios) (*Certamen* 224-254). Homero, por outro lado, após o fim da competição, vaga um pouco desconsolado, a princípio, recitando seus poemas, mas rapidamente se apruma. Na sequência, escreve novos versos e os apresenta a públicos diferentes, entre lídios, atenienses e coríntios, conquistando glória e reconhecimento a ponto de testemunhar o estabelecimento de sacrifícios em sua própria honra entre os de Argos (e, presumivelmente, também os de Quios) (*Certamen* 302-8)⁴⁴. Por seu *Hino a Apolo*, apresentado em Delos, torna-se cidadão comum dos jônios, e resolve seguir para a ilha de Ios, junto a Creófilo, onde envelhece e morre — exatamente

⁴³ A referência explícita ao *Mouseïon* de Alcidas, indicando-o, portanto, como uma de suas fontes, ocorre no trecho final do *Certamen* (240), quando se trata de especificar o fim dos malfeitores de Hesíodo. Por outro lado, o papiro Michigan preserva um trecho que parece ser a conclusão (talvez da primeira seção) do *Mouseïon*, com a morte de Homero (como citarei na sequência). Assim sendo, é possível afirmar com segurança que o escrito de Alcidas trata não apenas do certame entre Hesíodo e Homero, mas também da vida e da morte de cada um deles. West (1967, pp. 444-50) propõe interessantes conjecturas sobre as possíveis fontes do compilador do *Certamen*. Para outras referências sobre as mortes de Hesíodo e Homero nos testemunhos antigos: Lefkowitz [1981] 2012, pp. 8-13, pp. 17-8; O’Sullivan 1992, pp. 98-105; Graziosi 2002, pp. 150-9; Koning 2010, pp. 254-6; Kimmel-Clauzet 2015; Judet de la Combe 2017, pp. 168-99; Bassino 2019, pp. 170-6; pp. 188-94.

⁴⁴ Para o processo histórico de estabelecimento de cultos em homenagem a Homero: Kimmel 2006; Judet de la Combe 2017, pp. 197-9.

como um oráculo do início da narrativa previra —, depois de se mostrar incapaz de responder a um enigma proposto por crianças. Vale a pena citar *ipsis litteris* esse trecho, porque tal anedota tem uma atestação bastante precoce (aparecendo entre os fragmentos de Heráclito), além de ser preservada aqui no famoso Papiro Michigan, que contém um dos possíveis títulos da obra e a provável atribuição de sua autoria. No trecho, o velho Homero, sentado junto ao mar, nota crianças retornando da pesca e indaga (num hexâmetro datílico): «Varões caçadores da Arcádia, acaso temos algo?» (*Certamen* 323-6)⁴⁵.

E eles, ao vê-lo, improvisaram a seguinte linha: «O que pegamos largamos, o que não pegamos trazemos». Mas ele, incapaz de encontrar o sentido disso, perguntou-lhes o que estavam dizendo. Eles falaram que saíram para uma pescaria, mas que, como não capturaram nada, sentaram-se e cataram piolhos; os piolhos que encontraram deixaram lá, mas os que não pegaram estavam carregando em seus mantos. Lembrando-se do oráculo, de que o declínio de sua vida chegara, escreveu o seguinte epigrama em versos para si:

«Aqui a terra encobre a sagrada cabeça,
divino Homero, ornamentador de heróis varões».

Enquanto retornava, como o chão estava enlameado, escorregou e caiu sobre as próprias costelas; dizem que assim morreu. Escreveremos então que a excelência é escrever sobre isso, principalmente ao ver os historiadores serem tão admirados. Pelo menos é por causa disso que Homero, em vida e mesmo na morte, é honrado por todas as pessoas. Esse escrito então lhe ofereço em agradecimento pela brincadeira, transmitindo a origem dele e o resto de sua poesia àqueles desejosos de amar a beleza por meio da exatidão da memória, para a posse comum dos helenos.

Alcidamante, *Sobre Homero* (*P.Mich.* inv. 2754)⁴⁶.

⁴⁵ No original: ἄνδρες ἀπ' Ἀρκαδίας θηρήτορες ἧ ῥ' ἔχομέν τι;

⁴⁶ No original (na edição de Bassino, sem todas as marcações diacríticas): οἱ δὲ ὀρῶντε[ς αὐ]τὸν ἐσχεδίασαν τόνδε [τὸ]ν στίχον· ὄσσ' ἔλομεν λ[ι]πόμεσθ' ὄσσ' οὐκ ἔλομεν φερόμε[σ]θα. ὁ δὲ οὐ δυνάμενος εὐρεῖν τὸ λεχθὲν ἦρε το αὐτοῦς [ὅτι] λέγοιεν. οἱ δὲ ἔφασαν ἐφ' ἄλιειαν οἰχόμεν οἱ ἀγρ]εῦσαι μὲν οὐδέν, καθήμενο`ι` [δ]ὲ φθειρ[ι]ζ[ε]σ[θ]αι· τῶν δὲ φθειρῶν οὐς ἔλαβον αὐτοῦ κατα[λ]υπεῖν, οὐς δ' οὐκ ἔλαβον ἐν τοῖς τρίβωσιν ἐ[.]ν ἀποφέρειν. ἀναμνησθεῖς δὲ τοῦ μαντε[ῖ]ο[υ] [ὅτι] ἡ καταστροφή αὐτῶι το[ῦ] βίου ἦκεν, π[ο]ιεῖ εἰς ἑαυτὸν ἐπίγραμμα[μ]α τό[δ]ε· ἐνθάδ[ε] τὴν ἰε[ρ]ῆ]ν κεφαλὴν κατὰ γαῖα κάλυψε./ ἀνδρῶν ἡρώων κοσμήτορα θεῖον Ὅμηρ[ο]ν. καὶ ἀν[α]χωρῶν' πηλοῦ ὄντος ὀλισθάνει καὶ πεσὼν ἐπὶ πλευρὰν οὕτως, φασίν, ἐτελεῦτήσεν. περὶ τούτου μὲν οὖν ἴποιεσθαι τὴν ἀρετὴν ποιήσομεν†, μάλιστα δ' ὀρῶν τοὺς ἱστορικοὺς θαυματομένους. Ὅμηρος γοῦν διὰ τοῦτο καὶ ζῶν καὶ ἀποθανὼν τετίμηται παρὰ πᾶσιν ἀνθρώποις. ταύτη[.] οὖν αὐτῆ τῆς παιδείας χάριν ἀποδίδω[μι], τὸ τε γένος αὐτοῦ καὶ τὴν ἄλλη[ν] ποίησιν δι' ἀκ[ρι]βείας μνήμησ τοῖς βουλομένοις φι[λο]καλ[εῖ]ν τῶν Ἑλλήνων εἰς τὸ κοινὸν παραδο[ύ]ς./ [Ἀλκι]δάμαντος/ Περὶ Ὀμήρου

Em vista de tudo quanto sugeri até aqui, acredito não haver dúvidas sobre minha opinião quanto a esse trecho final do *Mouseïon*: Alcidamante emprega a mais devastadora ironia para falar dos «benefícios», para a cultura helênica, oferecidos por Homero e pela prática de se memorizarem discursos escritos, em lugar de se dedicar à prática da improvisação. Subscrito ao papiro Michigan está o nome de um dos mais acerbos críticos à cultura letrada do período clássico e isso se faz notar não apenas em muitas outras obras dessa época –vide o *Fedro* de Platão, com seu célebre mito de Theuth em primeiro lugar⁴⁷–, mas vocifera com violência incomum nesse curto fragmento de papiro que soube encontrar o momento oportuno para lançar sua voz e reivindicar justiça para Alcidamante⁴⁸.

Uma leitura contextualizada e coerente da tradição biográfica de Hesíodo e Homero, principalmente à luz das obras de Alcidamante –com o discurso *Sobre os sofistas* e o *Mouseïon* (esta última a partir do material preservado no *Certamen*)–, ajuda a compreender melhor o processo histórico de formação das figuras desses dois poetas e dos *corpora* de versos associados a eles. A meu ver, compreender isso é fundamental também para quem queira se debruçar sobre a recepção dessas figuras em períodos posteriores, incluindo aí inúmeros desdobramentos significativos para qualquer história dos Estudos Clássicos na Antiguidade.

Referências

- Assunção, Teodoro Rennó 2019: «A importância do espaço comum (“no meio”) na assembleia dos aqueus em *Ilíada* XIX», *Phoïnix* 25, 1, pp. 12-37.
- Barron, J. P.; Easterling, P. E. 1985: «Hesiod», en Easterling, P. E.; Knox, B. M. W. (eds), *The Cambridge History of Classical Literature: I. Greek Literature*, Cambridge, pp. 92-105.
- Bassino, Paola 2019: *The Certamen Homeri et Hesiodi: A Commentary*, Berlin.
- Canevaro, Lilah-Grace 2012: *Hesiod's Works and Days: An Interpretative Commentary*, Durham.
- Castello, Luis A. 2009: *La tensión entre oralidad y escritura en Grecia y el testimonio de Alcidamante de Elea*, Buenos Aires.

⁴⁷ Sobre a posição do *Fedro* em meio a esse debate: Derrida [1968] 1972; Kahn 1996, pp. 371-92; Salles 2017; Fortes 2019 p. 245, n. 435; pp. 323-5.

⁴⁸ Para outras interpretações do texto desse fragmento: Bassino, 2019, pp. 67-75.

- Collins, Derek 2001: «Homer and Rhapsodic Competition in Performance», *Oral Tradition* 16, 1, pp. 129-167.
- Derrida, Jacques [1968] 1972: «La pharmacie de Platon», en Derrida, Jacques, *La dissémination*, Paris, pp. 69-197.
- Derrida, Jacques 1984: *Otobiographies : L'enseignement de Nietzsche et la politique du nom propre*, Paris.
- Detienne, Marcel [1967] 1981: *Les maîtres de vérité dans la Grèce archaïque*, Paris.
- Fehling, D. 1979: «Zwei Lehrstücke über Pseudo-Nachrichten (Homeriden, Lelantischer Krieg)», *Rheinisches Museum für Philologie* 122, 3/4, pp. 193-210.
- Ford, Andrew 2002: *Origins of criticism: Literary culture and poetic theory in classical Greece*, Princeton; Oxford.
- Fortes, Fábio da Silva 2019: *A dialética e as letras: Imagens e paradigmas do pensar no Fedro de Platão*, Belo Horizonte.
- González, José M. 2020: «Hesiod and Homer», en Pache, Corinne Ondine (ed), *The Cambridge Guide to Homer*, Cambridge, pp. 129-132.
- Graziosi, Barbara 2002: *Inventing Homer: The Early Reception of Epic*, Cambridge.
- Graziosi, Barbara 2010: «Hesiod in classical Athens: Rhapsodes, orators, and Platonic discourse», en Boys-Stones, G. R.; Haubold, J. H. (eds), *Plato and Hesiod*, Oxford, pp. 111-132.
- Graziosi, Barbara; Haubold, Johannes 2005: *Homer: The Resonance of Epic*, London; New Delhi; New York; Sydney.
- Griffith, Mark 1983: «Personality in Hesiod», *Classical Antiquity* 2, 1, pp. 37-65.
- Griffith, Mark 1990: «Contest and Contradiction in Early Greek Poetry», en Griffith, Mark; Mastronarde, Donald J. (eds), *Cabinet of the Muses: Essays on Classical and Comparative Literature in Honor of Thomas R. Rosenmeyer*, Atlanta, pp. 185-207.
- Grottanelli, Cristiano 1992: «La parola rivelata», en Cambiano, Giuseppe; Canfora, Luciano; Lanza, Diego (eds), *Lo spazio letterario della Grecia antica*. Vol. I: La produzione e la circolazione del testo. Tomo I: La polis, Roma, pp. 219-264.
- Hall, Jonathan 2007: *A History of the Archaic Greek World ca. 1200-479 BCE*, Malden; Oxford; Carlton.
- Hunter, Richard 2009: *Critical Moments in Classical Literature: Studies in the Ancient View of Literature and its Uses*, Cambridge.
- Hunter, Richard 2018: *The Measure of Homer: The Ancient Reception of the Iliad and the Odyssey*, Cambridge.
- Jacoby, Felix 1904: *Das Marmor Parium*, Berlin.
- Janko, Richard 1982: *Homer, Hesiod and the Hymns: Diachronic development in epic diction*, Cambridge.
- Judet de la Combe, Pierre 2017: *Homère*, Paris.
- Kahn, Charles 1996: *Plato and the Socratic Dialogue: The philosophical use of a literary form*, Cambridge.

- Kassel, R.; Austin, C. (eds) 1983: *Poetae Comici Graeci (PCG)*. Vol. IV. Aristophon – Crobylus, Berlin; New York.
- Kimmel, Flore 2006: «Cultes d’Homère, aspects idéologiques», *Gaia* 10, pp. 171-186.
- Kimmel-Clauzet, Flore 2015: «Homère, le premier des sophistes?», en Dubel, Sandrine; Favreau-Linder, Anne-Marie; Oudot, Estelle (dir), *À l’école d’Homère: La culture des orateurs et des sophistes*, Paris, pp. 19-30.
- Kivilo, Maarit 2001: «The Archaic Biography of Homer», *Studia Humaniora Tartuensia* 2, A. 1, pp. 1-5.
- Koning, Hugo H. 2010: *Hesiod: The Other Poet. Ancient Reception of a Cultural Icon*, Leiden; Boston.
- Lamberton, Robert 1988: *Hesiod*, New Haven; London.
- Lefkowitz, Mary [1981] 2012: *The Lives of Greek Poets*, 2. ed, Baltimore.
- Martin, Richard P. 2000: «Synchronic Aspects of Homeric Performance: The Evidence of the *Hymn to Apollo*», en González de Tobia, A. M. (ed), *Una nueva visión de la cultura griega antigua hacia el fin del milenio*, La Plata, pp. 403-432.
- Melo Sobrinho, Noéli Correia 2003: «A pedagogia de Nietzsche», en Nietzsche, Friedrich, *Escritos sobre educação*, Rio de Janeiro; São Paulo, pp. 7-39.
- Monteiro, Silas Borges 2007: «Otobiografia como escuta das vivências presentes nos escritos», *Educação e Pesquisa* 33, 3, pp. 471-484.
- Most, Glenn W. (ed.) 2006: *Hesiod: Theogony. Works and Days. Testimonia*. Edited and translated by G. W. Most, London; Cambridge.
- Muellner, Leonard 2020: «Homeric Poetics», en Pache, Corinne Ondine (ed), *The Cambridge Guide to Homer*, Cambridge, pp. 21-35.
- Naddaf, Gerard 2002: Hesiod as a Catalyst for Western Political Paideia, *The European Legacy: Toward New Paradigms* 7, 3, pp. 343-361.
- Nagy, Gregory 2010: *Homer the Preclassic*, Berkeley; Los Angeles; London.
- Nietzsche, Friedrich 1870: «Der Florentinische Tractat über Homer und Hesiod, ihr Geschlecht und ihren Wettkampf», *Rheinisches Museum für Philologie* 25, pp. 528-540.
- Nietzsche, Friedrich [1872] 2003: «Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino», en Nietzsche, Friedrich, *Escritos sobre educação*. Tradução, apresentação e notas de Noéli Correia de Melo Sobrinho, Rio de Janeiro; São Paulo, pp. 41-137.
- Nietzsche, Friedrich [1872] 2013: «A disputa de Homero», en Nietzsche, Friedrich, *Cinco prefácios para cinco livros não escritos*. Tradução e prefácio de Pedro Süsskind. 4. ed., Rio de Janeiro.
- Nietzsche, Friedrich 1873: «Der Florentinische Tractat über Homer und Hesiod, ihr Geschlecht und ihren Wettkampf (Schluss)», *Rheinisches Museum für Philologie* 28, pp. 211-249.

- Nietzsche, Friedrich 1875: «Nachgelassene Fragmente (1875)», *Digitale Kritische Gesamtausgabe Werke und Briefe*, disponible en: <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB/NF-1875,2>.
- Nightingale, Andrea Wilson 1995: *Genres in dialogue: Plato and the construct of philosophy*, Cambridge.
- Novokhatko, Anna 2020: «The Origins and Growth of Scholarship in Pre-Hellenistic Greece», en Montanari, Franco (ed), *History of Ancient Greek Scholarship: From the Beginnings to the End of the Byzantine Age*, Leiden; Boston, pp. 9-131.
- O’Sullivan, Neill 1992: *Alcidamas, Aristophanes and the Beginnings of Greek Stylistic Theory*, Stuttgart.
- Pfeiffer, Rudolf 1968: *History of Classical Scholarship: From the beginnings to the end of the Hellenistic age*, Oxford.
- Pinheiro, Ana Elias 2005: «Homero. Tentativas de (re)construção biográfica na Antiguidade», *Máthesis* 14, pp. 111-128.
- Porter, James I. 2000: *Nietzsche and the Philology of the Future*, Stanford.
- Richardson, Nicholas J. 1981: «The Contest of Homer and Hesiod and Alcidamas’ *Mouseion*», *CQ* 31, 1, pp. 1-10.
- Rosen, Ralph M. 2004: «Aristophanes’ ‘Frogs’ and the ‘Contest of Homer and Hesiod’», *TAPA* 134, 2, pp. 295-322.
- Scully, Stephen 1990: *Homer and the Sacred City*, Ithaca; London.
- Silva, Rafael 2018: *Arqueologias do drama: uma arqueologia dramática*, Belo Horizonte.
- Tausend, Klaus 1987: «Der Lelantische Krieg – ein Mythos?», *Klio* 69, 2, pp. 499-514.
- Thomas, Rosalind 1992: *Literacy and Orality in Ancient Greece*, Cambridge.
- Vegetti, Mario 1988: «Dans l’ombre de Thoth. Dynamique de l’écriture chez Platon», en Detienne, Marcel (dir), *Les savoirs de l’écriture: En Grèce ancienne*, Lille, pp. 387-419.
- Verdenius, W. J. 1983: «The Principles of Greek Literary Criticism», *Mnemosyne* 36, 1-2, pp. 14-58.
- Vogt, Ernst 1959: «Die Schrift vom Wettkampf Homers und Hesiods», *Rheinisches Museum für Philologie* 102, 3, pp. 193-221.
- West, Martin L. 1967: «The Contest of Homer and Hesiod», *CQ* 17, 2, pp. 433-450.
- Whittaker, M. 1935: «The comic fragments in their relation to the structure of old Attic comedy», *CQ* 29, 3/4, pp. 181-191.